



Foto: Rose Satiko G. Hikiji

A mostra tem como objetivo apresentar diferentes momentos do audiovisual produzido a partir das periferias brasileiras, com ênfase na produção paulista.

Engloba desde filmes produzidos em oficinas promovidas por ONGs até produções de coletivos formados por realizadores independentes moradores de comunidades periféricas. Documentários, ficções, filmes experimentais e um filme etnográfico compõem a seleção. Dentre as temáticas, apresentadas em sessões, estão a cultura negra, as lutas por moradia, a relação entre vídeo, arte e política e a produção audiovisual propriamente.

FICHA TÉCNICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Direção

Cláudio Luiz Pereira

Museólogo

Antônio Marcos de Oliveira Passos

Conservadoras-Restauradoras

Mara Lúcia C. Vasconcelos

Celina Rosa Santana

Arqueóloga

Tainã Moura Alcântara

Administração

Alice Gomes

Carlos Dantas

Geovane Hilário

Izania Santos

Regina Lemos

Bolsistas

Ananda Cerqueira

Deise das Mercês

Jéssica Lima

Letícia Santos

Mauricéia Silva

Maycon Jhossys

Rafael Ferreira

Sávia Soares

Suylan da Fonseca

Viviane Reis

Diagramação

Alice Meira Gomes Dórea

CURADORIA

Rose Satiko Gitirana Hikiji (Dep. de Antropologia – USP)
Wilq Vicente (Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH – USP)

Organização Local

Fernando Firmo (UFBA)

Realização



Apoio



Museu de Arqueologia e Etnologia/UFBA

Terreiro de Jesus - s/n - Prédio da Faculdade de
Medicina da Bahia. Pelourinho, Salvador, Bahia. CEP: 40025-010
Tel.: 71 3283-5530 | www.mae.ufba.br

Cinema de Quebrada

Abertura:
21 de Janeiro de 2016 às 15h



Foto: Rose Satiko G. Hikiji

Durante bastante tempo as lentes das câmeras chegaram às favelas brasileiras apenas de visita, capturaram as luzes de algumas histórias e ainda arrebatarem prêmios internacionais com a realidade de pessoas que convivem com o tráfico, a miséria e a morte de maneira corriqueira. Estas mesmas visitantes lentes também encantaram o mundo com muitos sorrisos, com romances, com histórias engraçadas, com heróis dos quadrinhos correndo pelos telhados dos morros e até acompanharam reis da pop music em seus largos e vielas antes de saírem de lá da mesma forma qual chegaram.

Nos últimos dez anos, porém, o mundo vê surgir através das janelas virtuais as mais diversas cenas do cotidiano periférico, as mais variadas teorias, expressões, manifestações artísticas e desabafos proporcionados pela popularização dos aparelhos celulares. Aquelas pessoas que até então pareciam viver em um universo à parte, passaram aos poucos a manusear e registrar suas próprias histórias, mesmo que sem a formação ou a técnica de maior sofisticação. Essas pessoas começaram a ocupar esses espaços que até então lhes eram alheios, contrariando a ainda imponente imagem grotesca produzida e comercializada pelas grandes emissoras de televisão.

Mais ainda, podemos desde já nos regozijar com os constantes avanços nas políticas de expansão das universidades públicas, nas constantes conquistas dos diversos grupos marginalizados e na força demonstrada pelas massas em ocuparem os lugares que por tanto tempo lhes foram negados. Podemos nos orgulhar das diversas expressões artísticas que se fizeram valer através da tecnologia e podemos ter a certeza de que essa produção está muito além daquela tão explorada pelas mídias oficiais. Estas

pessoas estão produzindo arte, sim, a mais pura classificação de arte, elas estão colocando para fora os mais diversos tipos de representatividade existencial, estão "gravando na pedra" sua essência imortal.

Dessa forma o cinema nas comunidades emerge como as antigas tábuas de Gilgamesh ou como as paredes das moradas de nossos ancestrais. Pintando o imaginário desse povo, mostrando a poesia vivida diariamente nas favelas, contando a própria História pelo ponto de vista daqueles que até pouco tempo se apresentavam como personagens tão taciturnos e imperceptíveis aos olhos do tempo. Essa é a forma que o século XXI abre as portas para que as gerações vindouras possam conhecer os sujeitos históricos pelas vias de sua própria perspectiva.

E é neste contexto que nós, do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, orgulhosamente convidamos você para conhecer a história de Jennifer, de Kelly, de Anderson, de Wilq e de tantos outros que nasceram nas quebradas, que moram nos morros e que se propuseram a construir o seu cinema, o seu palco, com qualidade, e sobretudo, com muita sensibilidade e beleza. A mostra "Cinema da Quebrada" é apenas uma pequena viagem por este mundo que nos cerca e nos compõe, que faz parte inseparável do meio urbano e político das cidades e estados brasileiros, que faz parte de nós. Sejam bem-vindos ao universo tão vasto e complexo da gente simples que tanto movimenta, modifica e enobrece o nosso Brasil.

Maycon Jhossys.

Poeta, escritor, graduando em História na UFBA e bolsista de Conservação e Restauro do MAE/UFBA.

FILMES DA MOSTRA

Defina-se - Direção: Kelly Regina Alves

O Tempo e o Ritmo - Direção: Anderson Castilho, Emerson Lisboa, João Carlos e Wilq Vicente

Se Não Puder Falar Eu Grito - Direção: Criação Coletiva

Na Real do Real - Direção: Favela Atitude

p.o.e.i.r.a. - Direção: Luciano Oliveira e David Vidad

Vaguei - Direção: Akins Kinte, Mateus Subverso e Allan da Rosa

Jennifer - Direção: Renato Candido

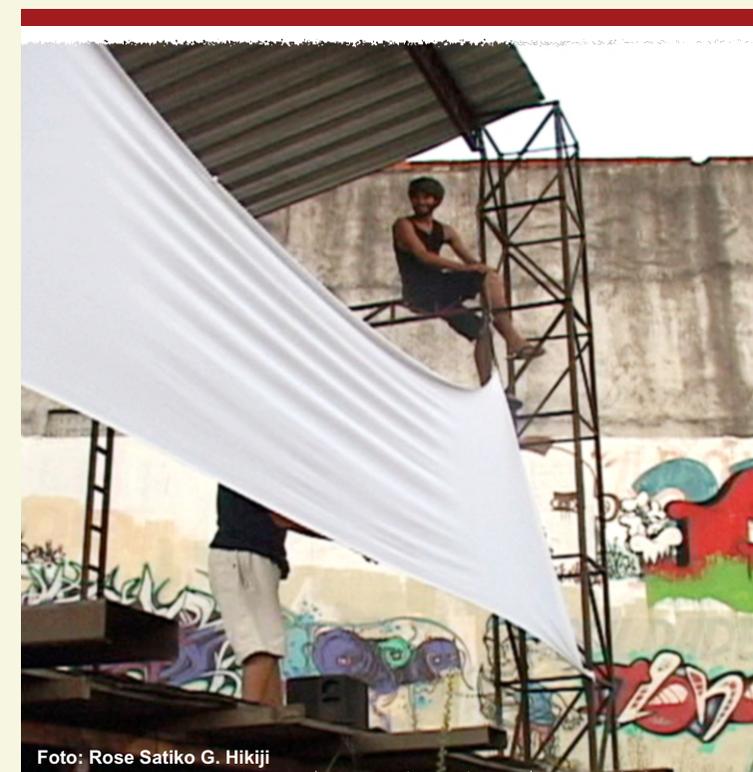


Foto: Rose Satiko G. Hikiji